

### Resumo

Retoma-se o tema da energia apresentado em anterior edição das Jornadas Interdisciplinares realizadas na Mina de S. Domingos (2014) com o objectivo de observar o «Sistema de Máquina» e o «Sistema Fabril» criado ex-nihilo nesta mina portuguesa do Baixo Alentejo.

A mineração da extracção da pirite, construtora do património mineiro de S. Domingos, integra-se na inovação do capitalismo industrial e assentou, como se sabe, no modelo de colonização britânica, ainda apostado na península ibérica e no continente europeu durante a década de 1850. Definido o território mineiro e a propriedade do estabelecimento, houve que pensar na sua organização, no povoamento e nas tecnologias de extracção e escoamento do minério, bem como o seu eventual aproveitamento industrial de acordo com as lógicas do modelo inovador.

A opção pela energia a vapor constitui o marco energético fundador do «sistema fabril» instalado na mina visando, em última instância, o esgotamento do filão de pirite, que pelas suas características e encaixe montanhoso, se tornou apetecível em termos de negócio oitocentista. Optou-se pela introdução da energia artificial da industrialização pelas suas vantagens conjunturais e tecnológicas. Importava realizar a extracção no menor tempo possível tendo em atenção as alterações internacionais do mercado. O vapor era um saber historicamente experimentado na Grã-Bretanha, desde a Revolução Industrial, cujo domínio científico e tecnológico contribuía para o crescimento económico britânico, representando a «gestão» minas um papel bastante relevante em termos de acesso às matérias-primas.

Mas o «sistema fabril» é uma componente do «sistema de máquina», na acepção deste conceito, cujo significado remonta a Lewis Mumford (1934). O território mineiro tendo como finalidade a extracção intensiva da pirite transforma-se numa máquina, em que energia e trabalho se completam, em que os motores, os mineiros, os cavalos e os transportes por carro ou comboio se encontram interligados entre si para cumprir objectivos produtivos pré-definidos e ainda sucessivamente actualizados na estratégia da Mason & Barry, entidade exploradora da Mina.

A organização do trabalho num território mineiro é pois uma questão essencial, sobretudo se atendermos que S. Domingos era um sertão quase deserto no momento do arranque da mineração. As suas primitivas energias e o trabalho estavam vinculados à vida agrícola ancestral. Em Santana de Cambas os engenhos eólicos eram porventura o património energético mais evoluído dos inícios da década de 1850. A introdução do conceito industrial de «Trabalho» naquele território pressupôs a transposição de modelos de estabelecimentos mineiros evoluídos em determinados epicentros capitalistas para S. Domingos, assim como a contratação de operários detentores de saberes tecnológicos de mineração, segundo as normas, os processos da cadeia técnica e os fundamentos capitalistas de exploração.

Por essa razão, a questão do trabalho mineiro em S. Domingos requer ser analisado em função da heterogeneidade da população activa inicial e da sua gradual fixação ao território (sedentarização). Neste novo estádio, o mineiro alinha-se pela continuidade do posto de trabalho, pelo salário auferido, pela existência de alojamento, pela constituição do agregado familiar e pela resposta que espera da empresa enquanto garante das condições de habitabilidade, dos cuidados médicos e da segurança. Em S. Domingos – como demonstraram estudos anteriores – evolui-se da heterogeneidade para a homogeneidade populacional e a integração de operários migrantes oriundos do país, o que acentua o carácter mais indiferenciado do trabalho mineiro entre o último quartel do século XIX e os meados do século XX, face ao trabalho especializado do arranque da exploração mineira.

Impõe-se pois analisar como funciona este sistema de máquina, tendo por base a composição da energia da Mina, que não pode apenas ser balizada pela presença das fontes e máquinas motoras das

---

<sup>1</sup> Investigador integrado no IHC. Presidente da APAI – Associação Portuguesa de Arqueologia Industrial.

energias artificiais (vapor, gás, electricidade, diesel), mas que requer contar também como as energias humana e animal. Medir estas últimas energias é por isso essencial em termos de avaliação do potencial energético colocado ao serviço do modelo capitalista de exploração de S. Domingos. Esta necessidade impôs-se na investigação que prosseguimos, da qual apresentamos alguns resultados parciais. Qual o número de trabalhadores necessários para atingir os objectivos empresariais? Que potência motora pode-lhes ser indexada por unidade diária de trabalho? Quais as suas qualificações profissionais? Como se distribuíam pelo território? Qual o seu grau de satisfação profissional<sup>2</sup>?

Os registos de acidentes de trabalho arquivados nos organismos oficiais desde 1949 até 1966, permitem-nos entender alguns destes problemas. Simultaneamente informam-nos sobre a localização das novas frentes de trabalho no subsolo mineiro, aspectos particulares do mesmo jazigo que garantiam, ainda, as expectativas sociais de continuidade da Mina, nas décadas de 1950 e 1960. A estruturação do sistema fabril naquelas duas décadas era um dado adquirido, constituindo o horizonte de referência da população trabalhadora e uma garantia de perpetuidade do posto de trabalho. Só que os tempos eram outros, a mina clássica esboroava-se perante as mudanças tecnológicas ocorridas depois da 2.<sup>a</sup> Grande Guerra Mundial. Sendo que os objectivos iniciais eram o esgotamento do filão, ao atingir-se a quebra do negócio de extracção, nas condições económicas, sociais e tecnológicas daquela época, a empresa deixou cair o sistema de máquina. O território mineiro é abandonado, sem outras alternativas futuras. Os trabalhadores são dispensados. Inicia-se o êxodo dos trabalhadores da Mina de S. Domingos.

### **Nota biográfica**

Jorge Custódio nasceu em Santarém, em 1947. Doutorou-se pela Universidade de Évora. Investigador integrado do IHC da FCSH da UNL. Neste Instituto coordena o Projecto de Investigação sobre a Era da Energia a Vapor em Portugal (1820-1974).

Dirigiu o Projeto Municipal da Candidatura de Santarém a Património Mundial (1994-2002), o Convento de Cristo (2002-2007) e o Museu Nacional Ferroviário (2009-2011). Foi comissário das exposições Arqueologia Industrial: Um Mundo a Conhecer um Mundo a Defender, realizada na Central Tejo, Lisboa (1985) e 100 Anos do Património. Portugal 1910-2010. Memória e Identidade (2010), entre outras mostras.

Especializou-se nas disciplinas de Arqueologia Industrial e Património Mineiro. Desenvolveu diversas intervenções arqueológicas em sítios industriais. Foi coordenador de diversos projectos e programas de museus industriais e mineiros.

Publicou diversas obras e estudos. Salienta-se "Reflexos da Industrialização na Fisionomia e Vida da Cidade. O Mundo Industrial na Lisboa Oitocentista", in O Livro de Lisboa (1995), A Máquina a Vapor de Soure (1998), O Lagar e o 'Azeite Herculano' (1998), Museu da Cortiça da Fábrica do Inglês. Exposição Permanente (1999), Museu do Ferro & da Região de Moncorvo (2002), A Real Fábrica de Vidros de Coima e o vidro em Portugal no século XVIII (2002), «Renascença» Artística e Práticas de Conservação e Restauro Arquitectónico em Portugal, durante a 1.<sup>a</sup> República, 2 vols. (2011-2013), A Mina de S. Domingos. História, Território e Património Mineiro (2013), Rodoviária do Tejo, nas origens, na história e na modernidade da viagem colectiva, com Deolinda Folgado, Santarém: O Ribatejo (2015).

É presidente da Associação Portuguesa de Arqueologia Industrial.

---

<sup>2</sup> Assunto bastante complexo que implica o salário auferido, a sua localização em relação ao posto de trabalho, a estabilidade habitacional e familiar, o lazer, a garantia de apoio empresarial na doença e acidentes de trabalho, a participação na identidade colectiva, os níveis de felicidade, entre outros.